

Foi para isto?

Dermi Azevedo

Pela primeira vez em minha história de militante político, já no segundo tempo da vida, tive que enxugar as lágrimas ao observar, em plena tarde/noite de sexta-feira, um ruidoso desfile de estudantes, na Líbero Badaró, em pleno centro de São Paulo.

Os jovens, em sua maioria embriagados e drogados, caíam nas calçadas e vomitavam nas portas das lojas. Não se conseguia ouvir por inteiro os seus gritos. Não havia qualquer cartaz que pudesse identificar de onde vinham, nem para onde iam...

Perguntei, então, a mim mesmo: foi para ver isto que eu entreguei o tempo mais produtivo de minha vida à luta do movimento estudantil, à resistência contra a ditadura militar, compartilhando, em consequência, os porões da tortura cruel e desumana?

Foi para isto que centenas de companheiros e companheiras abandonaram conscientemente a sua vida rotineira e se empenharam, numa entrega total, para realizar os seus sonhos de liberdade e de democracia?

Foi para que situações desse tipo acontecessem que João Cândido, Chico Mendes, Margarida Maria Alves, Emanuel Bezerra, irmã Dorothy, Santo Dias, Vladimir Herzog, Carlos Marighella, Gregório Bezerra, padre Josimo Tavares, o pastor Jaime Wright, Zuzu Angel e seu filho Stuart, Yara Iavelberg, freis Tito, Betto e Giorgio, Paulo Evaristo Arns, Pedro Casaldáliga, Tomás Balduino e tantos outros lutadores sociais lutaram e ainda lutam? Foi para vivenciar esse espetáculo que Diego Baeça, Expedito, Nelson, Amelinha, Ivan, Gaúcho, Sinfrônio, Zé Barbeiro e Zé Luís, Cariri, Perly, Paulo Vannucchi, Bia Bargieri, Waldemar Rossi, Elza Lobo e Stan se dedicaram à luta pela transformação da sociedade?

Ao observar o comboio desordenado e sem destino, ouvi um trabalhador dizer ao seu colega: “Estes são os jovens brasileiros de hoje”...Diante do desperdício, voltei, então, meu pensamento para as crianças com fome da favela do Montanhão, em São Bernardo do Campo, que vivem literalmente debaixo da neblina da Serra do Mar; para a mulher idosa que, durante a semana, juntou pedaços de panelas para vender na feira de sábado e que saiu feliz com o seu pagamento de quatro reais; para a criança de Peruíbe que foi recolhida por Giorgio Callegari em um lixão, antes que fosse triturada como detrito; para a mulher idosa completamente sozinha que buscou um cantinho na sala do GARMIC (uma ONG paulistana em que os idosos lutam para conseguir uma moradia).

Lembrei-me de Terezinha, mulher camponesa da Bahia, que sofreu a tortura do trabalho escravo e que veio depois para São Paulo, em busca de uma vida melhor...Seu corpo sem vida, macerado pela dor, lembrava recentemente a saga de sua história...

Como se fosse um filme, voltei a 1968, em Natal, no Rio Grande do Norte. Cada domingo de manhã, as lideranças estudantis reuniam-se para trocar idéias sobre as leituras da semana...

O comboio da Líbero Badaró seguia seu caminho. Bem à minha frente, duas jovens policiais militares ouviam ofensas de jovens bêbadas. E apenas riam...

Que começo de século é este?

O que esperar do amanhã?

Interessa ao sistema dominante a alienação generalizada. Ninguém se interessa em saber o que eventos como esse indicam.

Os jovens jogavam ao vento monossílabos de dor alienada, que buscam exorcizar, inconsciente e pateticamente, a frieza e a crueldade de um mundo sem sentido, em que o único valor dominante é o dinheiro, o capital. Em que tudo é transformado em moeda, até mesmo o amor, o afeto e o carinho...em que palavras como lealdade e confiança esvaziaram-se por completo... Predominam, na sociedade de hoje, a razão instrumental e a apatia política...tudo é descartável, tudo desmancha no ar, tudo requer resultados imediatos e até a semente, para germinar mais rápido, é violada pelo estupro transgênico...

Nesse cenário kafkiano, releio os clamores de Jesus: “Pai, Pai, porque me abandonaste?”, “Ai de quem escandalizar essas crianças...melhor seria que fosse atado e jogado no abismo”, “tenho compaixão desse povo”.

Quem é esse homem, quem é essa mulher situada e datada no século da informática, numa sociedade de objetos?

É tempo, porém, de lutar pelo impossível. De olhar no horizonte e tentar construir um mundo diferente. E de buscar distinguir, nos sinais dos tempos, a esperança de um amanhã alternativo, em que a alienação seja trocada pela consciência crítica, em que o profetismo simples de uma Marilene, de uma Olga, de uma Judy e de uma Salete seja ouvido e levado à prática.

Há momentos da história, em que, apesar de tudo, as sementes voltam a gerar vidas, em que o amor irrompe como verdadeiro, em que as fontes de água doce brotam no deserto...e em que, nem os impérios mais poderosos são capazes de dobrar a afirmação do novo ser humano.

Dermi Azevedo é jornalista e cientista político. Foi preso político na ditadura militar.



www.dhnet.org.br